

Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática - SEED

Prof. Dr. Nilson José Machado - Coordenador

A Sociedade do Espetáculo e/ou do Desaparecimento



Prof^a Lusenilde Dantas Castro

FEUSP - Agosto 2007

Guy Debord nasceu em Paris em 1931 e suicidou-se em 1994.

Filósofo, cineasta e ativista.

Marxista, denuncia a sociedade baseada na produção de mercadorias, o fetichismo da mercadoria, a alienação.

Como denuncia? Criando situações?

Em 1957 funda, com simpatizantes,
a organização Internacional Situacionista
e uma revista com o mesmo nome,

onde são publica das as críticas à sociedade do espetáculo, que teria sido erigida após a Segunda Guerra Mundial.

Escandalizaram seu tempo.

Na década de 60 aumentam seus seguidores e em 1968, na França causam furor ao propor a extinção do dinheiro e do Estado. Tiveram, e têm, a maioria de seus seguidores na Itália e na Espanha.

Morreu o sociólogo e filósofo francês

Jean Baudrillard (1929-2007),

teórico da Teoria dos Valores e da Pós-Modernidade.

Iniciou sua trajetória acadêmica em Nanterre

– reduto dos intelectuais pós-estruturalistas de Maio de 1968 –

e, na mesma trilha de Marshall Mc Luhan,

estudou o impacto da comunicação midiática

sobre a cultura contemporânea.

A partir de um a priori conceitual

– a realidade 'construída', que denomina 'hiper-realidade'

ou 'realidade virtual' –,

Baudrillard examinou o processo

que leva a cultura de massas a produzi-la.

Foi o criador do conceito de 'simulacro',

que procura explicar o desaparecimento, na sociedade pós-industrial,

dos limites entre o 'real' e suas 'representações'

ou entre 'significados' e 'significantes'.

Em 1967, Debord publica a obra “A sociedade do espetáculo”
e aí produz uma dura crítica social
partindo da teoria marxista na qual coloca em relevo
o conceito de fetichismo.

Apresenta a sociedade capitalista no pós-guerra
quando as relações entre os homens passaram a ser mediadas
por imagens e estas imagens adquiriram a forma de mercadorias.

Em 1988, quando revisa a obra, reconhece sua contemporaneidade:
nunca, como então, o espetáculo tinha envolvido
a totalidade social de maneira tão assombrosa.

(Fetichismo – atribuição a um ser inanimado, como a mercadoria, poderes que não tem).

Segundo Lukács, 1989

Qual o objetivo desta obra?

Anselm Jappe explica que é

“mostrar que o espetáculo é a forma mais desenvolvida
da sociedade baseada na produção de mercadorias
– e no fetichismo da mercadoria”

(Jappe, 1999: 15).

Debord pretende construir uma teoria
para combater o fetichismo
que ele chama de espetáculo.

Em *Simulacros e Simulação* (1981 -1ª ed.),
Baudrillard afirma que as distinções entre objeto e representação,
coisa e idéia não são mais válidas.

No lugar delas,
acredita em um novo mundo construído
dos modelos de simulacro que não possuem
referência em realidade alguma
exceto a delas mesmas.

Uma simulação, diz o autor,
é diferente de uma ficção ou farsa
porque ela não apenas apresenta uma ausência como presença,
o imaginário como real,
mas também enfraquece qualquer diferença com o real,
absorvendo o real para si mesma.

A simulação contemporânea pode ser entendida como um sistema de produção obsessiva do real na medida em que se estabelece a precessão dos simulacros.

Operando a fusão entre real e imaginário, o simulacro absorve e substitui o primeiro, de forma a fazer coincidir em si mesmo o real e sua representação.

“A irrealidade não é mais a do sonho ou da fantasia, de um além ou de um aquém, é a de uma alucinante semelhança do real consigo mesmo”

(BAUDRILLARD, 1976 : 112).

E eliminando-se qualquer referente, a duplicação do original corresponde à sua morte.

“Toda a vida das sociedades
nas quais reinam as modernas condições de produção
se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos.
Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”
(DEBORD, 1997: 13).

Segundo Baudrillard, a produção incessante de imagens
sem referência a qualquer realidade
demonstra como a cultura contemporânea
se refugia na estetização generalizada dos simulacros de simulação.
Tal estetização corresponde antes à passagem do estético ao extático”,
afirmada pela ludicidade fria do universo da comunicação
e pela hiper-realidade da simulação operacional.
Substitui-se a estética da sedução
pela anestesia do fascínio e do êxtase
face a um real produzido que se faz passar
por realidade na hiper-realidade.

*“A simulação é justamente esse desenrolar irresistível,
esse encadeamento das coisas
como se tivessem um sentido
quando elas apenas são regidas pela montagem artificial
e pelo absurdo”.* (P. 28)

Diferente de outras épocas (anos 60 e 70)
hoje não há atores em luta com acontecimentos.
O que há são acontecimentos sem atores,
sem importância e sem intérpretes,
apenas atos, encerrados na própria ação.

Os acontecimentos *“(…) ou são mediáticos ou não existem”* (P. 29)

Atualmente

reafirma-se o que já estava posto:

o fetichismo da mercadoria (hoje espetáculo),

a alienação, o não SER,

o fantasma de si próprio

– a ver-se em imagens sem perceber a apropriação do seu tempo –

no trabalho e mesmo no ócio.

Continua a contemplação.

O que muda são os fundamentos do espetáculo:

são as renovações tecnológicas,

a fusão econômica–estatal

que trazem como conseqüências

“o segredo generalizado ...

o falso sem réplica ... e o eterno presente”

(DEBORD, 1997: 175).

Se o Real está desaparecendo,
não é por causa da sua ausência – ao contrário,
é porque existe realidade demais.

Assim como o extermínio está além do término,
o deslocamento para o mundo virtual está além da alienação,
é a *privação* total do Outro.

Além do fim, além de toda finalidade,
entramos num estado paradoxal – realidade demais – e aí
não sabemos o que está acontecendo.

(BAUDRILLARD, J., 2001: 72)

No exagero do real (o hiper-real) e do belo (o fascinante),
do funcional (a hiperfuncionalidade) e do rápido (a vertigem),
da finalidade (a hipertelia) e do visível (a obscenidade),
a ordem do simulacro nos precipita num universo
onde o exorbitante da verdade,
a sobre-representação dos acontecimentos através dos *media*,
realiza-se “para ser visto sem ser olhado, alucinado em filigrana,
absorvido como o sexo absorve o *voyeur*: à distância.

Não somos nem espectadores nem atores,
mas *voyeurs* sem ilusão”

(BAUDRILLARD, 1990 : 55).

O ataque ao WTC na ótica de Debord

Maria José L. Barreras

Professora PUCRS

60 Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 20 • abril 2003 •
quadrimestral

O que diria ele sobre as imagens
produzidas sobre o episódio?

Como avaliaria o leitor ou o telespectador estarecido?

O desejo de aproximar Debord aos acontecimentos
representados

nos media decorre de duas constatações:

primeiro, diz-se que nunca o espetáculo foi tão explícito como
então;

segundo, em decorrência,

nunca antes Debord e sua idéia de espetáculo
foram tão referendados

nos meios acadêmicos e na imprensa em geral.

Imóveis
durante muitas horas
olhamos centenas de vezes
as mesmas cenas,
sob o mesmo ângulo
– o que não suportaríamos em outros espetáculos -,
e purgamos todas as paixões.

Incredulidade,
pânico, revolta, ódio e medo.

As conjecturas - possíveis
porque seguimos
acompanhando o espetáculo na televisão,
lendo nas matérias jornalísticas
ou porque não desligamos nem o rádio,
nem a tevê
e, ao mesmo tempo,
lemos todas as
notícias possíveis
nos fazem tremer e chorar.

Morrer é sempre ruim,
morrer sem o espetáculo final
deve ser pior.

A morte
sem a visibilidade do ritual
deixa em suspenso o SER

Imobilizados pelo espetáculo
estamos desesperados
na solidão do medo e da dor.

“A fotografia é um dos afrodisíacos mais poderosos,
e não há nenhuma contra-indicação
em gozar da excitação artificial da foto.

Simplesmente,
é preciso ver que essa foto-reportagem
transforma enfaticamente a realidade,
ela a sobressignifica,
ela unifica-a como sentido

– e assim fazendo cria o choque, mas apagando justamente o punctum –
não deixando lugar para nenhum detalhe que traia o conjunto
(como o chiste – trait d’esprit – trai a linguagem
e sua significação coerente).”

Jean Baudrillard



“... uma imensa acumulação de espetáculos”.



“ ... uma imensa acumulação de espetáculos”.

A imagem produzida
acaba se desligando do evento
que em princípio
a teria mobilizado.

Lembra-nos
Artur da Távola que

“A dor não sai no jornal”

(2001).



Os acontecimentos “*ou são mediáticos ou não existem*”



Os acontecimentos “*ou são mediáticos ou não existem*”

Entrevista que Paolo Portoghesi concedeu à **Folha**,
de seu estúdio em Roma, por telefone.

A destruição das torres gêmeas em Nova York,
entre os muito impactos que causou,
produziu um intenso debate entre os arquitetos.

Muitos, especialmente os norte-americanos,
defendem a reconstrução dos edifícios tal como eram.

Outros propõem um complexo de quatro ou mais prédios no local.
O sr., discordando de todos, declarou ao jornal italiano "Avvenire"
que "o vazio seria mais eloqüente que um novo cheio".

Essa alternativa seria mesmo viável?

Criar um amplo espaço aberto
seria a atitude mais correta a ser adotada.
Mas é evidente que, pelo valor do terreno,
terminarão optando por uma alternativa
menos sensata e mais lucrativa.

Quando surgiu a proposta de construir quatro edifícios
com a metade dos andares do WTC,
escrevi que seria uma solução banal.

Minha crítica a esse tipo de projeto está relacionada com a
interpretação de Jean Baudrillard em um texto de 1976,
no qual ele dizia que as torres eram uma espécie de duplo
do sistema de poder dividido em dois blocos,
o que ele chamava de "duopólio".

Ou seja, minha frase tinha mais a ver com uma interpretação simbólica
dos desmoronamentos, já que, de um ponto de vista realista,
seria quase impensável deixar de fato aquele espaço vazio.



Uma simulação, segundo Baudrillard,
é diferente de uma ficção ou farsa
porque ela não apenas apresenta uma ausência como presença,
o imaginário como real, mas também enfraquece qualquer diferença com o real,
absorvendo o real para si mesma.



“A sociedade primitiva tinha suas máscaras,
a sociedade burguesa seus espelhos,
nós temos nossas imagens”.

(BAUDRILLARD:1990,160)

“A maior parte dos visitantes das grutas de Lascaux II
nem chega a saber que visitou
a cópia da gruta e de seus afrescos.

A original,
reservada a alguns visitantes excepcionais,
não está mais indicada por nenhuma sinalização.

Isso é um sinal do que será logo mais
a condição humana mais geral:
viveremos num mundo
e nem saberemos mais que ele não é o original.

O que era só um hipótese filosófica
se tornará uma dura realidade,
mas nós não saberemos de nada”

(BAUDRILLARD:2002, 109).





Os situacionistas “consideram a realidade,
desde o ponto de vista da totalidade como
um método de construção experimental da vida quotidiana
que pode desdobrar-se permanentemente
com a extensão do ócio
e com a desapareição da divisão do trabalho”

(Internacional Situacionista. 1958: net) .

O que propõem?

“A partir de agora propomos uma organização autônoma
dos produtores da nova cultura,
independente das organizações políticas e sindicais
que existem neste momento”

e o papel do situacionista é o “de amador-profissional,
de anti-especialista, até o momento da abundância econômica e mental
no qual todo o mundo se tornará artista, num
sentido que os artistas não alcançaram: a
construção da própria vida”.



Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean – A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas, SP: Papirus, 1990.

BAUDRILLARD, Jean – Cool Memories IV: crônicas 1996 -2000 . SPaulo: Estação Liberdade, 2002.

DEBORD, Guy - A sociedade do espetáculo. RJ: Contraponto, 1997.